

## VIOLETA BRANCA E YOLANDA MORAZZO: UMA LEITURA COMPARADA

Leoniza Saraiva Santana  
Bárbara Benedita Mendes Brito  
Raquel Aparecida Dal Cortivo

**Resumo:** A pesquisa **Yolanda Morazzo e Violeta Branca: uma leitura comparada** encaminha um estudo acerca de duas poetisas que foram vanguardistas em temas e estilo de escrita em suas distintas épocas. O *corpus* analisado neste trabalho tem por suporte as obras **Ritmos de Inquieta Alegria** (1935) da escritora amazonense Violeta Branca (1915-2000) e **Poesia completa 1954 – 2004** (2006) da escritora cabo-verdiana Yolanda Morazzo (1927-2009). Tais autoras deixaram suas marcas na história da literatura de autoria feminina em seus países e abriram espaço para outras escritoras também manifestarem suas ideias e ideais. O objetivo principal é realizar uma leitura comparada das poéticas de Yolanda Morazzo e Violeta Branca, considerando tanto os aspectos comuns a ambas quanto suas dissemelhanças, inserindo-as nas respectivas séries literárias. A pesquisa é de natureza qualitativa, sendo de cunho bibliográfico, uma vez que não há coleta de dados, mas a análise do *corpus* do trabalho e a busca por evidenciar a presença de temas afins e dissemelhantes nas obras das poetisas, como também identificar seus temas mais frequentes. A perspectiva teórica dessa pesquisa é a dos estudos comparados, valendo-se de pressupostos comparatistas, como os apresentados por Tânia Carvalhal (2006) e Eduardo Coutinho (1996). Além dos pressupostos das teorias da Literatura Feminina com Lúcia Zolin (2003) também foram utilizados alguns escritos de Marcos Krüger (2011), Elsa Rodrigues (2006), Simone Caputo Gomes (2008), Hênio Tavares (2002), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) e demais estudiosos da área.

**Palavras-chave:** Violeta Branca. Yolanda Morazzo. Poema/Poesia. Literatura comparada. Literatura feminina.

**Abstract:** The research **Yolanda Morazzo and Violeta Branca: a comparative reading** forwards a study about two poets who were avant-garde in themes and style of writing in their different epochs. The *corpus* analyzed in this work is supported by the works **Ritmos de Inquieta Alegria** (1935) by the amazonian writer Violeta Branca (1915-2000) and **Poesia completa 1954-2004** (2006) by the cape verdean writer Yolanda Morazzo (1927-2009). These authors have left their marks in the history of literature of feminine authorship in their countries and have opened up space for other writers to also manifest their ideas and ideals. The main objective is to perform a comparative reading of the poetics of Yolanda Morazzo and Violeta Branca, considering both aspects common

to both as their dissimilarities, inserting them in the respective literary series. The research is of a qualitative nature, being a bibliographic, since there is not data collection, but the analysis of the *corpus* of work and the search for evidence the presence of related and dissimilar themes in the works of poets, as well as identifying their themes more frequently. The theoretical perspective of this research is that of comparative studies, using comparative assumptions, such as those presented by Tânia Carvalhal (2006) and Eduardo Coutinho (1996). In addition to the assumptions of theories of Feminine Literature with Lúcia Zolin (2003), some writings by Marcos Krüger (2011), Elsa Rodrigues (2006), Simone Caputo Gomes (2008), Hênio Tavares (2002), Jean Chevalier and Alain Gheerbrant (2009) and other scholars in the area.

**Keywords:** Violeta Branca. Yolanda Morazzo. Poem/Poetry. Comparative literature. Female Literature.

## Introdução

O estudo intitulado **Violeta Branca e Yolanda Morazzo**: uma leitura comparada traz uma pesquisa sobre similaridades e dissemelhanças entre as duas poetisas e suas temáticas afins. Tal estudo objetiva analisar as obras **Ritmos de inquieta alegria**, escrita pela amazonense Violeta Branca e publicada em 1935 e também a obra **Poesia Completa 1954-2004** da cabo-verdiana Yolanda Morazzo, publicada em 2006.

Fazer comparações entre essas duas autoras, que publicaram poemas diante de sociedades sexistas, é de grande importância para que a sociedade atual perceba e valorize ainda mais a luta das mulheres por seu espaço de direito. Isto porque quando se pensa em atividades de projeção como a escrita, a restrição à participação feminina é ainda mais notória, uma vez que somente ao homem era permitido o acesso ao mercado editorial, por várias razões. Uma delas é o fato de que o acesso à escola era proibido à mulher ou limitava-se ao ensino das prendas domésticas; outra razão foi a ideia de que a mulher não tinha intelecto desenvolvido para a escrita (apesar de seu desejo).

A metodologia utilizada para embasar este estudo é de natureza qualitativa, dando o caráter subjetivo dos objetos estudados, sendo de cunho bibliográfico. Sendo assim, a pesquisa tem como aporte teórico no campo da Literatura Comparada Tânia Carvalhal (2006) e Eduardo Coutinho (1996). Na Literatura Feminina autoras como Lúcia Zolin (2003) e Rose Muraro (1985). Para contextualizar as obras destas autoras e o jeito de escrever contou-se com alguns escritos de Assis Brasil (1998), Norma Telles (2009),

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Marcos Krüger (1998), Elsa dos Santos (2006), Simone Gomes (2008). E para dar suporte à análise das poesias e seus estilos utilizou-se os livros de Hênio Tavares (2002), Norma Goldstein (2006), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), dentre outros.

O desenvolvimento do tema parte do método dedutivo que mostrará os aspectos gerais a respeito da literatura comparada, literatura feminina na sociedade, contextualizando as duas autoras em suas respectivas sociedades, passando para a literatura de autoria feminina nas obras de Violeta Branca e Yolanda Morazzo discorrendo a respeito de suas temáticas e comparando-as.

### Literatura Comparada

Quando se fala em Literatura Comparada, remonta-se ao século XIX em que imperava uma ânsia cientificista mesmo nos estudos da literatura. Com isso, surge uma abordagem da literatura que busca regras gerais para o fenômeno literário e propõe comparações entre diferentes literaturas a fim de estabelecer parentescos literários. Conforme destaca Carvalho (2006), o francês Paul Van Tieghem, um dos importantes teóricos da área, em sua obra clássica, **La Littérature Comparée** (1931), definiu como objeto da Literatura Comparada o estudo das diversas literaturas em suas relações recíprocas.

Inúmeros autores propõem diversos métodos para a aplicação do comparatismo na compreensão do texto literário. Tânia Franco Carvalho e Eduardo Faria Coutinho (2011) apresentam na obra **Literatura Comparada: textos fundadores**, os que deram início nessa disciplina ou corrente crítica, são eles: Paul Van Tieghem, Benedetto Croce, Fernand Baldensperger, Villemain, Jean-Jacques Ampère, Sainte-Beuve, De Sanctis, Arturo Graf, Hutcheson M. Posnett, Louis Paul Betz e Joseph Texte.

Avançando os estudos comparatistas, no século XX, surge nos Estados Unidos, no final dos anos 40, o livro **Teoria Literária** de René Wellek e Austin Warren, que propõe outra abordagem para além das fontes e influências. Os autores são reconhecidos como uns dos fundadores da disciplina Teoria Literária e, dessa forma, pode-se dizer que os estudos comparatistas também estão nessa senda que possibilita uma abordagem mais objetiva da literatura. Sendo assim, o que se pode perceber é que Wellek e Warren propõe

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

que a Literatura Comparada represente uma leitura intrínseca de um texto sem levar em conta somente fatores que lhe são externos.

Em suma, a expressão “Literatura Comparada” é despertada no século XIX, mas somente nas primeiras décadas do século XX ganhará o patamar de disciplina e fará parte, como matéria regular, nas grandes universidades europeias e norte-americanas, dotando-se de bibliografia específica e público especializado. Sobre este assunto o professor de Literatura Comparada da UFRJ, Eduardo Faria Coutinho (1996, p. 2-3) em seu artigo intitulado “Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo” diz que: “A Literatura começa a ser encarada por uma ótica conscientemente comparatista, e surgem os primeiros cursos e estudos sobre o assunto. [...] É então que surgem as primeiras cátedras universitárias”.

Vale ressaltar que a Literatura Comparada não está restrita somente ao ato de fazer comparações acerca de literaturas propriamente ditas, mas fazer a relação entre culturas e outros aspectos que envolvem o ser de uma forma mais ampla. Esses aspectos serão analisados, conforme Carvalhal (2006) “em pontos que se referem ao significado, à autoria, aos aspectos ideológicos, ao gênero, à identidade cultural, à diferença”. Assim, comparar nada mais é do que buscar entender, compreender através de um método de confronto de autores/obras o que há de peculiar em cada livro escrito, onde é elaborado e a linguagem que fora utilizada a qual está inserida dentro de um contexto cultural local ou generalizado.

Em razão dessa relação de discursos, propõe-se neste trabalho comparar a poética da escritora cabo-verdiana Yolanda Morazzo com a da escritora amazonense Violeta Branca. Para a análise comparada das obras, far-se-á o levantamento das recorrências nas obras de cada autora para identificar as semelhanças e dissemelhanças entre a poeta africana e a brasileira. Com isso, espera-se conhecer mais a respeito das literaturas de ambos os países, mas, principalmente, perceber como a escrita de autoria feminina se situa nessas séries literárias, considerando, no caso brasileiro a especificidade da região amazônica.

## **Literatura Feminina**

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Falar sobre Literatura feminina não é uma tarefa fácil, tendo em vista que muito ainda se discute acerca deste tema. A mulher há muito tempo vem buscando seu espaço que lhe foi negligenciado por ideologias machistas, preconceituosas e que faziam com que todas acreditassem que estavam fazendo o que é certo. Rose Marie Muraro acrescenta que “a mulher, a quem nos primeiros tempos estavam reservados o gozo e a fruição, foi castrada sob o capitalismo. Até o tempo de Freud e Helen Deutsh, a boa mulher, a mulher virtuosa, era a mulher frígida e masoquista” (1985, p. 9).

Quando se trata da autoria feminina, os críticos estabeleceram nuances nesses escritos de acordo com a forma de representação da mulher. Segundo Lúcia Osana Zolin, a ensaísta norte-americana Elaine Showalter (1985) fez um estudo baseado na tradição literária do romance inglês, em sua linha feminina, e detectou:

[...] que os grupos minoritários acabam por encontrar formas próprias de expressão em relação à sociedade dominante em que estão inseridos. No caso das mulheres escritoras, elas teriam construído uma espécie de subcultura dentro dos limites da sociedade regulada pela ideologia patriarcal [...] elas construíram sua tradição literária (ZOLIN, 2003, p. 255).

Por conta desses grupos minoritários que construíram seu jeito de escrever na literatura é que Showalter dividiu-as em três fases denominadas de imitação e internalização, de protesto e a de autodescoberta. Porém, Zolin (2003, p. 256) diz que “adaptando essas fases às especificidades da literatura de autoria feminina, tem-se a fase feminina, a feminista e a fêmea (ou mulher), respectivamente.” Isso quer dizer que uma literatura feminina é aquela que mantém os valores e tradições vigentes, ou seja, os valores patriarcais ficam impregnados na obra das autoras (ZOLIN, 2003).

Já a literatura feminista, segundo Showalter (1985), diz respeito às revoluções que as mulheres militaram pelo mundo todo querendo a igualdade de direitos, lutando contra “os valores e os padrões vigentes” (ZOLIN, 2003, p. 256), aqui as feministas rompem com qualquer modelo dominante. E, em relação à literatura fêmea, destaca-se o tema da autodescoberta, da busca pela identidade feminina peculiar de cada mulher. Assim “se pode vislumbrar a representação de uma nova imagem feminina, livre do peso da tradição patriarcal” (Zolin, 2003, p. 257).

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Com isso, problematiza-se o teor da escrita feminina que está ligada a fase feminista, que foi associada aos sentimentos amorosos ou telúricos a passo que ao homem e a sua linguagem é cabível tudo, e nada é tido como estranho. Zolin (2003, p. 164) em seu artigo “Crítica Feminista” salienta que na Inglaterra, a Era Vitoriana (1832-1901) propagou inúmeras discriminações contra a figura feminina, argumentando que a mulher apresentava inferioridade intelectual “cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino”, o que remonta a um preconceito desmedido à mulher que teve que camuflar-se para fazer ou apresentar algo neste período.

Desta forma, Zolin também acrescenta que “a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa” (2003, p. 164) e, com isso, a mulher iniciou seu caminho pela escrita de forma tímida e escondendo-se atrás de nomes masculinos<sup>1</sup>.

Por fim, vale destacar que as mulheres lutaram e continuam lutando por seu espaço, sua voz nos mais diversos ambientes. Porém sabe-se que não foi e nunca será fácil ir contra ideologias, mas também as desbravadoras, como por exemplo, Violeta Branca e Yolanda Morazzo, mostraram um caminho que hoje é seguido por inúmeras adeptas.

### **Contextualizando as autoras: O vôo livre de Violeta Branca**

A primeira poeta que a Literatura Amazonense tem registro é Violeta Branca Menescal de Vasconcelos. Esta escritora nasceu em Manaus, no dia 15 de setembro de 1915<sup>2</sup>. Vinda de uma família de classe média alta e conforme Assis Brasil, em sua obra intitulada **A poesia Amazonense do Século XX** (1998, p. 74), a poeta “fez os estudos primários no Colégio Santa Dorotéia, aumentando seus conhecimentos com aulas particulares”, o que só era possível para as filhas de famílias de alto poder aquisitivo da época.

---

<sup>1</sup> Um dos exemplos que se pode citar é o de Emily Brontë, escritora inglesa (1818-1848), que para iniciar-se na escrita usa um pseudônimo masculino, Ellis Bell, e lança sua célebre obra intitulada “Wuthering Heights” (O Morro dos Ventos Uivantes - 1847) que é considerada uma das maiores obras da Literatura Inglesa.

<sup>2</sup>Na obra de Arthur Engrácio intitulada: **Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas: súmula bibliográfica** (1994) diz que Violeta Branca nasceu em 14 de setembro de 1915. Optou-se por manter a data de 15 de setembro de 1915 porque nas demais obras consultadas, era esta data referida.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Num meio social literário completamente sexista, uma jovem de 19 anos (1935) publica, na cidade do Rio de Janeiro, seu primeiro livro de poesias, intitulado **Rythmos de inquieta alegria**. A obra publicada por Violeta trouxe características modernistas, provavelmente influenciada pelo Movimento Modernista do eixo Rio-São Paulo da década de 1930. O livro mereceu elogios de intelectuais como o paulista Rodrigo Octávio e foi bem recebido por críticos literários da época por apresentar lirismo e vivacidade na abordagem dos temas expostos na obra que eram tidos como ousados para a época.

Ainda em Manaus foi participando assiduamente das atividades culturais da capital do Amazonas. Violeta Branca foi a primeira mulher a fazer parte de uma Academia de Letras no Brasil ocupando a cadeira número 28 na Academia Amazonense de Letras<sup>3</sup> - AAL. Lembrando que, nesta época (1937), as Academias eram exclusivamente ocupadas por homens, segundo Michele Asmar Fanini (2017, *online*) em seu estudo sobre as mulheres na ABL: “mirava a ABL pós-1976, quando as candidaturas deixaram de ser uma prerrogativa masculina [...] Júlia<sup>4</sup> foi o primeiro vazio institucional da academia produzido pela barreira do gênero”.

Violeta publicou na revista *Cabocla* (1936), na revista amazonense *A Selva* (1937 – 1938), no Jornal *A Tarde* (1939). E “Mais tarde, 1962, apareciam publicações de Violeta Branca em *O Jornal*, na coluna Velhos Tempos, de André Jobim” (MENDONÇA, 2010, *online*). Quando casou, aos 21 anos, Violeta Branca foi morar no Rio de Janeiro. E representou AAL junto à Federação das Academias de Letras do Brasil porque a sede era nesta capital. A poeta respondeu pelos intelectuais do Amazonas e tornou-se membro do Clube da Madrugada<sup>5</sup>.

A autora só lançou outra obra em 1982, quando seu marido já era falecido e haviam passados 47 anos de sua primeira publicação. A obra publicada foi **Reencontros**: poemas de ontem e de hoje, seu segundo e último livro de que a maioria das pessoas tem ciência. Diz-se isto porque Assis Brasil (1998) escreveu que “a *Enciclopédia de Literatura*

---

<sup>3</sup>Fundada em 1º de janeiro de 1918, a Academia Amazonense de Letras (AAL) é inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil.

<sup>4</sup>Júlia Lopes de Almeida “participou das reuniões para a formação da Academia Brasileira de Letras, mas ficou de fora por ser mulher” (Telles, N., 2009, p. 440).

<sup>5</sup>Movimento renovador da Literatura Amazonense criado em 1954 cujos objetivos eram consolidar a proposta estética do Modernismo no Amazonas e modificar o cenário da literatura amazonense.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Brasileira, de Afrânio Coutinho, refere-se a um terceiro livro de Violeta, de parceria com o poeta pernambucano Andrade Belo, **Concertos a quatro mãos**, de 1981” (BRASIL, 1998, p. 74). E Roberto Mendonça (2010, *online*) referindo-se a uma legenda do jornal manauense *A Tarde* de 1939, que dizia: “[...] Os poemas expostos fariam parte de outro livro – *A festa da vida*, que nunca veio a lume. Assim, temos a indicação de um quarto livro de poesia”. Porém, o mais estudado é o primeiro livro por considerarem de melhor qualidade.

A poeta amazonense faleceu no dia 07 de outubro de 2000. No dia 16 de dezembro de 2000, em sessão solene, a AAL homenageou-a com um especial tributo em sua memória, tendo em vista que tal autora deverá ser sempre lembrada por tão grande contribuição dada à literatura amazonense, conforme Krüger (1998, p. 11): “[...] imagino que, tal como o pôr-do-sol, que não termina antes de oferecer todo o vário matiz de que dispõe, também a fase pré-Madrugada não se extinguiria sem que se pudesse exclamar, reconhecendo: ainda que tarde, Violeta.” De uma forma tão peculiar e marcante, Violeta colaborou com a Literatura no Amazonas e, conseqüentemente no Brasil, uma vanguardista repleta de desejos e sensualidade pujantes, assim como o amor pela região onde nasceu.

### **A literatura que vem das Ilhas: Yolanda Morazzo**

A escritora de língua portuguesa, Yolanda Morazzo Lopes da Silva Cruz Ferreira, nasceu na Ilha de Porto Grande em São Vicente, Cabo Verde<sup>6</sup>, em 16 de dezembro 1927. Morazzo frequentou o Liceu Gil Eanes de Mindelo e concluiu os seus estudos em Lisboa, para onde foi em 1943 com a família. Lá, fez os cursos de Francês no Instituto Francês (curso superior de moderna Literatura Francesa, da Alliance Française) e o de inglês no Instituto Britânico.

---

<sup>6</sup> Cabo Verde é um país insular do continente africano que possui uma área total de 4.033km<sup>2</sup> dividida em dez ilhas que ficam localizadas no “deserto de Sahel, o que lhes garante um clima tropical seco e semi-árido e solos pouco desenvolvidos (10% aráveis) também em virtude da origem geológica recente, vulcânica, do relevo muito acidentado, do fraco nível pluviométrico e da ação dos ventos [...] Cabo Verde sofre hoje a conhecida problemática saheliana do continente africano, caracterizada por longos períodos de seca e pelos problemas da desertificação e a erosão agravada pela ação humana.” (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 271). É um país que vive de sua frágil agricultura por conta da desertificação, escassez de água das chuvas e mudanças constantes de seus moradores.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Aos 22 anos casou pela primeira vez e partiu para Angola acompanhando seu marido. Quando estava em Luanda trabalhou na embaixada da Iugoslávia ao mesmo tempo que lecionava na Aliance Française até 1975 e depois foi para Lisboa (Portugal), sua última morada. Neste período colaborou com várias revistas literárias de Angola, Portugal e Cabo Verde publicando **Cântico de Ferro: poesia de intervenção** (1976) que reuniu algumas de suas obras antigas. E, sobre esse assunto, Ferreira (1977, p.50) argumenta que: “reúne alguns dos seus versos que vão desde 1956 a 1975, onde o espaço angolano é a semântica por excelência”.

A poeta cabo-verdiana, Yolanda Morazzo, tinha em suas veias o “sangue literário”, pois seu avô foi um dos mais cultos poetas de Cabo Verde. Seu aparecimento literário veio através da *Revista Certeza* que era um jornal da Academia Cultivar. Deu sua contribuição também para outras revistas da época como: *Suplemento Cultural*, *Clareza* e *Boletim Cabo Verde*. Yolanda escreveu quando ainda Cabo Verde não tinha sua independência e isso a tornava “rara” em meio a outros poetas. E, em cada verso que escrevia declarava seu amor a sua terra natal. Elsa Rodrigues dos Santos (2006, p.17) também fala sobre essa marca tão forte nos escritos de Morazzo que: “teve a preocupação de datar cada poema, localizando o acto de escrita em Cambambe e em Luanda, revela-nos que o seu imaginário nunca deixou de estar ligado a Cabo Verde”.

Além desta característica tão peculiar da poeta, também ressalta outra como a escrita literária feminina que é presença constante em seus poemas. Simone Caputo Gomes diz que “a escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde tem procurado empreender a viagem ao espaço crioulo, notadamente aos ‘mundos’ habitados e criados pela mulher, que têm por base a casa como metáfora nuclear, a imersão no privado e no pessoal” (GOMES, 2008, p. 279). E ainda acrescenta que a poeta fez um trabalho “criador que pode ser entendido como de escritura feminina, de mulheres agrupadas em torno da intenção de conquistar um espaço feminino de escrita [...]” (2008, p.166). Desse modo, Yolanda Morazzo escreve sobre a mulher e suas peculiaridades trazendo à tona a sensualidade feminina e suas lutas em busca de um maior espaço na sociedade africana: “A temática da mulher – associada ao telúrico e ao erótico, dividida entre as tarefas do espaço público e do espaço privado – acrescentam-se novas leituras de conteúdos e processos cabo-verdianos e africanos” (GOMES, 2008, p. 173).

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Yolanda Morazzo também escreveu ladeada por outros autores de Angola, Portugal e Cabo Verde e nesta perspectiva, conclui-se que a poeta estava sempre buscando demonstrar o que pensava e ampliando suas metas para além de Cabo Verde. Quando Yolanda Morazzo estava em Lisboa, longe de todas as cenas de guerra e de luta pela independência de Angola, a poeta ficou mais tranquila e, com isso, passou a escrever sobre temas que foi encontrar “dentro de si própria”.

A Casa da Moeda, em Portugal, no ano de 2006, publicou a sua **Poesia completa 1954-2004**, volume único que reúne todos os poemas que esta célebre poeta, cabo-verdiana, escreveu. No dia 27 de janeiro de 2009, em Lisboa, morreu a escritora-poeta Yolanda Morazzo deixando seu legado precioso para literatura mundial que deve aproveitar para apreciar e analisar tão grande autora com suas obras. Elsa Rodrigues dos Santos (2006, p. 20) vem dizer que: “A obra de Yolanda Morazzo merece, porém, ser estudada em toda a sua extensão, pois cada poema sugere um mundo de referências a vários níveis”.

E, em 2013 foi homenageada em seu país com a cadeira número 29 da Academia Cabo-verdiana de Letras<sup>7</sup>. Uma autora intensa que viveu o presente em sua total realidade e buscou mostrar de maneira clara e direta o que pensava em relação às várias situações que a sociedade impunha.

### **Análise das obras: semelhanças e dissemelhanças entre Violeta Branca e Yolanda Morazzo**

Falar em semelhanças entre uma poeta amazonense e uma poeta cabo-verdiana não é uma tarefa das mais fáceis. Violeta Branca e Yolanda Morazzo eram contemporâneas porque viveram e escreveram no mesmo século. Mas cada uma, a seu modo, trouxe avanço para a luta das mulheres por adquirirem voz em meio a uma sociedade sexista que, com suas ideologias ultrapassadas, deixavam à margem os desejos femininos e suas capacidades, inclusive na escrita. Apesar de uma sociedade machista tanto, Violeta Branca quanto Yolanda Morazzo casaram, constituíram família, e ainda assim, continuaram escrevendo.

---

<sup>7</sup> Criada na cidade da Praia em 25 de setembro de 2013 e tem por meta articular a literatura em Cabo Verde, além de prestar homenagens aos seus consagrados conterrâneos denominados de “imortais” na arte do bem escrever suas ilhas e peculiaridades.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Embora tenham vivido distantes do lugar onde nasceram (Violeta Branca da cidade de Manaus e Yolanda Morazzo em São Vicente, Cabo Verde), ambas mantinham-se ligadas aos aspectos telúricos, ou seja, estiveram afetivamente em contato com os seus traços identitários, independente de onde se localizavam, conforme a própria Yolanda Morazzo descreve na entrevista feita por Elsa Rodrigues dos Santos para Revista *Artiletra*: “Até hoje cultivo essas amizades. Convivi, na época, com meus conterrâneos na Casa dos Estudantes do Império, em festas particulares, como ainda em Angola, para onde fui, tempos depois, onde havia também uma Casa de Cabo Verde” (2006, p. 12). E Violeta Branca mantinha contato com os seus “companheiros escritores” por cartas e quando os encontrava na cidade do Rio de Janeiro buscava logo saber sobre sua terra no Amazonas. A ligação com suas localidades era muito forte tanto para Violeta quanto para Yolanda. Vemos, portanto, que alguns eventos biográficos, as aproximam. Ambas vieram de família de classe média/alta tendo seus estudos muito bem feitos em liceus/em casa por tutores pagos por suas famílias que estavam muito bem estruturadas e as incentivavam na escrita. Assim, a amazonense publicou sua primeira e mais importante obra (1935) aos 19 anos na cidade do Rio de Janeiro ansiando o reconhecimento por seus escritos que logo receberam elogios de críticos renomados da época; adentrou a Academia Amazonense de Letras (1937) e posteriormente ao Clube da Madrugada (1939); escreveu em jornais e revistas de sua época por um determinado tempo; depois do casamento silencia sua escrita e somente volta a publicar (1982) quando fica viúva.

Já a escritora cabo-verdiana, por sua vez, escrevia desde os 10 anos de idade, sendo influenciada diretamente por seu avô que era o poeta José Lopes. Também teve acolhida e acompanhamento dos pais que a incentivaram na leitura e declamação de poemas de seu avô. Saiu de seu país aos 16 anos acompanhando a migração dos pais para Lisboa. Casou-se por duas vezes, constituiu família. Escreveu em revistas, jornais de sua época e publicou sua primeira obra em 1976, mas desde a década de 1950 escreveu poemas que foram guardados como tesouros. E da mesma forma que Violeta Branca, que publicou sua segunda obra em 1982 (47 anos após a primeira), Yolanda Morazzo publicou a sua coleção de poemas em 2006 (com 50 anos de escrita).

São duas mulheres vanguardistas que abordaram temas polêmicos em suas épocas. Violeta Branca com suas temáticas em volta da liberdade e sensualidade feminina,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

liberdade na escrita, telurismo onde apresenta sua região (lendas, belezas naturais e culturais), o amor idealizado na figura do marujo. Yolanda Morazzo trazendo a denúncia em seus poemas sociais (desemprego, guerra, liberdade e sensualidade feminina, escravidão, colonialismo) com grande carga de humanismo, intimistas (infância, amor, homenagem a pessoas queridas), telurismo latente ao falar de sua cultura, povos, terra natal e as outras que adotou, cariz filosófico que tematiza a origem das coisas no mundo com seu posicionamento firme em torno da busca do inefável.

Fazendo um paralelo das poesias/poemas dessas duas autoras, que mesmo sendo contemporâneas não se tem registros que comprovem que foram apresentadas em vida, pôde-se constatar que irmanam na sensibilidade do ser poeta com temas pujantes a sua época. Como por exemplo, quando falam em sensualidade feminina, em telurismo e em liberdade na autoria feminina.

Assim, Violeta Branca em seu poema “Afrodite” afirma que não veio da terra, mas do mar: “Eu não vim da terra: / meu corpo nasceu do mar. Do mar! / [...] Eu não vim da terra. / Minha arte, minha sensibilidade / nasceram do mar. Do mar!” (BRANCA, 1998, p. 11). E Yolanda Morazzo em seu poema “Ode ao mar” traz também um sensualismo em volta das palavras mar e concha como se pode notar nesses fragmentos: “Nasci do mar / Da concha verde / Do mar. / [...] Estrela do mar / Nasceu no mar / Meu sonho de poeta” (MORAZZO, 2006, p. 135).

Desta forma o eu lírico dos dois poemas se congratula com a figura mitológica de Afrodite (Vênus) que é simbolizada pela deusa da beleza, fertilidade, criação, prosperidade e sinaliza uma sensualidade feminina na figura do mar de onde nasceram o eu lírico e Afrodite, ou seja, vêm da água, da fertilidade, de onde o mar fecundou e gerou a ambos. A imagem do “mar” na poesia é uma das mais significativas e tem atravessado os tempos como um dos temas mais importantes para a expressão dos/as poetas.

Em “Afrodite” o eu lírico afirma veementemente que não veio “da terra”, símbolo de estabilidade e fixidez que, no poema, pode aludir ao contrário do feminino, ou seja, ao masculino, aos homens. Nesse sentido, não ter vindo da terra pode representar a negação do lugar onde os homens são tidos como superiores e este ar superior é referente à mulher que é posta em situação de submissa às vontades masculinas. O eu lírico fala que veio sim com sua arte e sensibilidade de “desenfreada inspiração” do mar onde a profundidade

e a falta de limites são grandes inspirações para os anseios do eu lírico. Assim, Chevalier e Gheerbrant (2009) trazem essa definição para a palavra “Mar”:

[...] símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte (p. 592).

Desta forma, conforme o que diz Chevalier e Gheerbrant (2009) o mar possui essa dinâmica da vida e da morte em que tudo sai e retorna a ele passando a ideia de movimento, transição, mudança, transformação desejada por essas duas autoras. Também representa a fecundidade que Yolanda Morazzo tão bem escreveu em seu poema: “Ode ao mar”. O poema tem início com uma afirmação: “Nasci no mar”. Esta afirmativa feita pelo eu lírico direciona o leitor para uma possibilidade marcadamente típica dos poetas que desejam a liberdade e esta vem transcrita na palavra “mar” que simboliza o horizonte sem fim, a fecundidade gerada pela água que remete a procriação, também simboliza a vida e a morte para os marinheiros e moradores litorâneos e insulares, alto poder de criação e profundidade de possibilidades que o mar remete. Então nascer no mar é dar-se uma liberdade imensurável. E sendo esse eu lírico feminino, vem atrelado a ele a liberdade feminina em meio a uma sociedade marcadamente masculina, mas que tem na mulher cabo-verdiana um esteio.

Essa fêmea vem despertar nos versos: “Da concha verde / Do mar. [...] Estrela do mar / Nasceu no mar” (MORAZZO, 2006, p. 135, *grifos nossos*). O eu lírico reforça sua feminilidade com o símbolo da “concha” que por ser um elemento de natureza marítima relaciona-se com a água e devido “sua forma e profundidade lembram ao órgão sexual feminino” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 269-270). Simboliza também o prazer sexual, prosperidade e o mito do nascimento de Afrodite (Vênus) que surgiu do mar, pintada por Botticelli<sup>8</sup> dentro da concha sobre o mar tem uma simbologia forte para

---

<sup>8</sup>Refere-se à tela “O Nascimento de Vênus”, pintada por Botticelli por volta do ano de 1485. (<https://artsandculture.google.com/search/asset/?p=uffizi-gallery&em=m06cvx&categoryId=art-movement>)

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

o erotismo e fecundidade porque dentro dela formam-se as pérolas, tesouro que pode estar escondido quando maturado dentro das conchas.

Em relação ao telurismo Violeta Branca e Yolanda Morazzo mostram-se intrínsecas as suas raízes escreveram poemas que descrevem sua terra com primor e o amor de quem jamais esqueceu de onde veio. Assim, Violeta Branca escreve o poema “Símbolo” que vem falar de sua região, geografia e cultura local: “É porque nasci no Amazonas / que tenho a alegria das cachoeiras, / a minha voz / o ritmo das águas rolando sobre as pedras, / e os meus olhos / são dois muiquitãs, / com a fosforescência dos olhos das onças...” (BRANCA, 1998, p. 72). E Yolanda Morazzo traz seu poema “Canção de minha terra” dedicado “às queridas ilhas de Cabo Verde”: “Sinto a nostalgia da minha terra! / Estas ilhas perdidas / onde as montanhas vermelhas / se erguem aos céus / como uma súplica / [...] um choro cansado de séculos / dos escravos açoitados / [...] na voz dolente da morna / [...] Nostalgia dessas praias / dos rostos que se debruçam / sobre a minha infância” (MORAZZO, 2006, 58-59).

O eu lírico nos dois poemas fala de sua terra natal de maneira peculiar em que no poema “Símbolo” é dado um toque de personificação à natureza (alegria das cachoeiras, / a minha voz / o ritmo das águas rolando sobre as pedras / [...] fosforescência dos olhos das onças) e a cultura (e os meus olhos / são dois muiquitãs) de seu povo que parece fazer parte do eu lírico, imerso em sua terra que se assemelha a ele. O eu lírico, é feminino, e se autodescreve com certo apego a região norte do Brasil.

Já no poema de Yolanda Morazzo o eu lírico apresenta-se saudoso de sua terra e faz a descrição comum as ilhas de Cabo Verde (montanhas, praias) ao mesmo tempo que revela a música sofrida que vem do negro com sua dor (morna). O eu lírico também traz para o poema a presença saudosista dos rostos que fizeram parte da infância e travessuras do sujeito poético.

Desta forma, em relação a seu lugar de nascimento o eu lírico diz no poema “Infância” de Yolanda Morazzo: “Nasci em África / sou filha do sol / dona dos espaços infinitos / a luz é a minha bandeira / a minha esteira – o mar / e a lua à noite o meu lençol de prata” (MORAZZO, 2006, 304). Passa a sensação de lugar de acolhida, morada.

O eu lírico é feminino como se pode constatar com a presença dos substantivos femininos filha e dona, que também passam uma ideia de posse porque o eu lírico é filha desta terra,

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

mas ao mesmo tempo é dona dela. Forte sentimento de posse marcado também pelo pronome possessivo: *minha*. O eu lírico diz “sou filha do sol” e essa imagem parece transmitir uma energia muito poderosa, carregada de alegria, vida, fortaleza. Além disso, o eu lírico reforça: “dona dos espaços infinitos” que transmitem a impressão de universo, a falta de limites, sensação de liberdade e de empoderamento no sentido de ser dona de si, de suas vontades e ter seus espaços próprios definidos unicamente pelo próprio eu lírico.

Como se percebe nos extratos dos poemas citados acima, tanto Violeta quanto Yolanda trazem a liberdade estrutural ao romper com o formalismo e também por não seguirem a rigor a metrificação tradicional o que as integram na fase Modernista que tinha por característica, de acordo com Tavares (2002, p. 100), os seguintes critérios:

- 1 – Ruptura das subordinações acadêmicas.
- 2 – Destruição do espírito conservador e conformista.
- 3 – Demolição de tabus e preconceitos.
- 4 – Perseguição permanente de três princípios fundamentais:
  - a) direito a pesquisa estética;
  - b) atualização da inteligência artística brasileira;
  - c) estabilização de uma consciência criadora nacional.

Tavares faz um recorte do que Mário de Andrade resumiria sobre a primeira fase modernista e com isso reforça o que se diz de Violeta Branca em relação aos seus poemas com versos livres que são comprovados nas leituras, por exemplo, dos versos 26 e 27 do poema “Ritmo” quando este se apresenta com essa estrutura: “que se abrem em arco-íris de luz / e perfumes de flor...” (BRANCA, 1998, p. 36). E nos de Yolanda Morazzo, por exemplo, no poema “Infância” também é perceptível que os versos são livres contendo métricas diversas como, por exemplo, na primeira estrofe: tetrassílabo (Nasci em África), pentassílabo (sou filha do sol), eneassílabo (dona dos espaços infinitos), octossílabo (a luz é a minha bandeira), heptassílabo (a minha esteira – o mar), hendecassílabo (e a lua à noite o meu lençol de prata).

Assim confirma-se que Yolanda Morazzo e Violeta Branca “não obedecem a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, nem à presença ou regularidade de rimas” (GOLDSTEIN, 2006, p. 49) e isso as caracterizam como modernistas em seus estilos de escrever. Escritoras libertas das imposições estruturais que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

mostraram seus versos livres, ricos de simplicidade em sua linguagem, mas ao mesmo tempo peculiares em suas culturas de intelectuais que se aprofundaram em leituras diversas para escrever o mundo que as cercava e o universo que tinham dentro de si.

Violeta Branca nessa dinâmica da vida e no desejo de estar livre, coloca em seus poemas o eu lírico feminino com suas ânsias por liberdade em todos os âmbitos que não eram permitidos às mulheres. Assim declara em seu poema “Hora Colorida”: “Estou vivendo a minha hora, / o meu momento /Estou dentro do supremo momento / que se amplia na vitória / e na revelação / dos cantos que respondem / aos meus gestos palpitantes /de libertação...” (BRANCA, 1998, p. 67, *grifos nossos*). Percebe-se aqui que o eu lírico determina a “sua hora”, ou seja, o momento da mulher manifestar-se é agora porque está amadurecida em seus ideais e desejos e com isso a vitória chegará pulsante nos cantos de liberdade em vozes femininas.

É o mar que Violeta Branca e Yolanda Morazzo tanto falam em seus poemas. Ele que vem com toda sua força, estabelecendo os seus limites e não deixando ninguém delimitá-lo, chamando a atenção para esse grito de liberdade da voz feminina que faz uso das simbologias da mulher e do mar demonstrando o desejo latente pela liberdade na autoria feminina.

### **Dissemelhanças entre Violeta Branca e Yolanda Morazzo**

A literatura comparada, como foi apontada na fundamentação teórica, não se ocupa somente das semelhanças entre as obras de autores de diferentes séries literárias, não se limitando às relações de fontes e influências, mas também identificando as diferenças entre as obras, de maneira a lançar luz sobre problemas comuns. No caso específico em tela, podemos identificar como se dá a dinâmica da escrita feminina em dois contextos diferentes.

Em relação às dissemelhanças entre a biografia dessas duas poetisas, começa pelo fato de que Violeta Branca depois que casa, continua a escrever em casa e para alguns amigos mostra tais poemas. A poeta silencia e causa estranhamento no meio literário porque ela ainda está presente representando a AAL no Rio de Janeiro, mas não publica outra obra até a morte do marido. Então em 1982, lança sua segunda obra que não tem o mesmo

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

sucesso da primeira porque as mulheres já estão mais ativas em suas lutas e o impacto inicial da primeira obra não é superado com a publicação da segunda.

Com a Yolanda Morazzo isso não acontece. A poeta cabo-verdiana escreve e publica em jornais e revistas suas inquietações, participa de manifestos e atua com determinação junto aos homens e mulheres do cânone literário vigente. O casamento para Morazzo não é motivo para repressão ou algo do gênero, ela escreve e publica sobre tudo que pensa, mesmo estando casada. E, seu segundo marido Fernando da Cruz Ferreira é admirador de sua arte e guardou com zelo os poemas que ela escreveu e ainda escrevia em sua companhia até o momento de publicá-los em 2006, em Lisboa. Conforme disse Elsa Rodrigues dos Santos: “[...] tens uma obra imensa que o teu marido, com o desvelo e a paciência que dele conhecemos, compilou em ‘dossiês’ e por épocas” (2006, p. 15).

Quanto às antologias em que essas autoras figuram, Violeta Branca está escrita em alguns livros da região norte do Brasil, páginas sobre Literatura Regional e pouquíssimos dados a respeito de sua vida pessoal e acadêmica na internet. Por outro lado, Yolanda Morazzo foi antologada em vários livros de seu país, alguns fazem até referência que a autora foi biografada em outros lugares também como Lisboa, Angola, Portugal, Moçambique, França. Nos meios eletrônicos encontram-se muitos materiais a respeito de Morazzo e até sobre sua última obra publicada.

Em relação ao estilo de escrita conforme foi destacado, na fundamentação teórica, Violeta Branca segue a fase de autoria feminina citada por Zolin (2003) onde apresentou resquícios do patriarcalismo e convenções sociais vigentes. Como podemos constatar no fragmento do ‘Poema das tuas mãos’: ‘As tuas mãos são nervosas, quentes, largas, arpejam nos teus sentidos a música ideal da emoção. Para os teus dedos criadores, sou o piano mágico vibrando ao influxo de tua ardente inquietação’ (BRANCA, 1998, p. 86, *grifos nossos*).

No fragmento acima podemos perceber que o eu lírico deixa-se tocar passivamente pela mão do ser amado que tem mãos que o fazem transcender seus desejos e o faz esperar passivamente pela ação do outro, assim como na sociedade patriarcal em que ao homem cabia a iniciativa e a mulher era instrumento (piano) de todo processo. Também chamam atenção “os dedos criadores”, pois o eu lírico angustia-se por liberdade na escrita de autoria feminina e, no entanto, neste poema, quem cria é o dono das mãos. O eu lírico

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

passa para o outro o poder de criação que era comum nas sociedades sexistas. Assim como também aparecem esses “dedos” no poema “Barcarola” (BRANCA, 1998, p. 82, *grifos nossos*) que podem muito bem sugerir o órgão sexual masculino e sua virilidade em ambos os poemas: “[...] os teus dedos de remo / afundaram-se ligeiros / no meu corpo de mar... / o côncavo moreno de tuas mãos de barco, / [...] para envolver em volúpia / a forma imponderável de meus sentidos”.

Mais uma vez o eu lírico feminino permite o toque do outro (os teus dedos de remo / afundaram-se ligeiros / no meu corpo de mar) que não são quaisquer dedos, é dado um adjetivo que remete o leitor a uma profundidade, pois o remo entra na água para se fazer útil e os dedos afundam-se ligeiros, ou seja, fica sugerida a penetração, ato permitido pelo eu lírico que entrega seu corpo de mar que está envolvido pelo poder do outro, assim Violeta apresenta características, conforme afirma Zolin (2003), da fase feminina: “por caracterizar-se pela repetição dos padrões culturais dominantes, ou seja, pela dominação do modelo patriarcal” (SHOWALTER *apud* ZOLIN, p. 256).

Yolanda Morazzo está em outras fases que diferem do estilo da Violeta Branca, como se pode observar nos fragmentos do poema “Abismo”: “Inútil abismal inútil / cai o pólen no fim do mundo / semeando a tua impotência” (MORAZZO, 2006, p. 235). A autora escreve sobre as lutas de seu povo, sendo ativista pelos direitos humanos em busca da igualdade entre gêneros, etnias, classe e tudo o que pudesse inferiorizar o outro ser. Ela tinha um questionamento a fazer e era forte, perspicaz em seus apontamentos como se pode perceber no fragmento do poema “O mundo vai acabar” (MORAZZO, 2006, p. 97): “Preciso de te acordar / Preciso de te dizer / Do sono profundo da tua consciência / Onde dormes sem saber / Que já não precisas de lanças e de punhais / [...] Que os ladrões ensanguentaram... / São tuas”.

O eu lírico alerta aqueles que não têm ciência, que estão adormecidos, talvez, por ideologias que os cegam, aludindo a guerras, exploração do homem pelo homem, espoliação dos menos favorecidos. O eu lírico alerta que a terra pertence ao povo (São tuas).

Por ser uma humanista defensora dos direitos humanos, Yolanda Morazzo buscou não ser conivente com a falta de justiça. Por esse e outros poemas que seguem essa linha do ativismo feminino é que Morazzo é caracterizada como feminista, ou seja, sua escrita

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

rompe com o modelo imposto pela sociedade patriarcal e trás uma voz “marcada pelo protesto e pela ruptura em relação a esse modelo” (SHOWALTER *apud* ZOLIN, 2003, p. 256) e impregna em sua escrita o jeito novo em que a visão da mulher abrange o todo. Outra fase que é intrínseca a Morazzo se percebe no poema “Mulher” em que o eu lírico revela-se como feminino e identifica-se nessa terminologia como nos fragmentos do poema abaixo:

Mulher  
poesia  
liberdade

Vem toda nua para a praça  
pés descalços braços nus  
cabelo lançado ao vento  
marchetada de prazer  
do sal a salpicar-te

Mulher guia farol  
luzindo no mar do canal

Corta os rochedos das nuvens  
rasga a carta de alforria  
e olha os sulcos que abriste  
nas rotas do teu silêncio

Mulher guia liberdade  
pelas rotas do mar largo

[...]  
eterna geratriz  
e Universo  
Mulher

[...] (MORAZZO, 2006, p. 296-297).

No poema observa-se a descoberta do eu lírico e sua identidade feminina que se liberta levando a poesia para todos os lugares onde ela possa ser ouvida, bem alto com vozes sendo ecoadas (repercutidas) por todas aquelas que foram silenciadas (rasga a carta de alforria). E o caminho dessas vozes vem iluminado por luzes (ideias) que levam para um futuro promissor (Mulher guia farol) para as mulheres cerceadas de seus direitos. Manifesta-se a mulher à frente de suas lutas, vestindo-se de suas vontades e desnudando-se do que lhe foi imposto.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

O eu lírico enfatiza que a mulher é poesia que exprime beleza das coisas, que denuncia quando não vê justiça em busca de liberdade. Ele chama a mulher despida de seus preconceitos com pés no chão de sua realidade, braços que vêm dispostos a lutar e agarrar as oportunidades. Já no caso do farol, cuja função é iluminar o caminho para os navegantes dos mares em suas rotas e que também tinha tradicionalmente como guardião o homem, é substituído pela mulher (Mulher guia farol) no ato de guiar. Assim, cabe à mulher o pensamento (luz, farol) de igualdade e ela passa a iluminar outros visando a equidade.

Outra imagem que é muito forte no poema e que tem a identidade da mulher como centro é a confirmação de que a luz de tudo vem da “eterna geratriz” que cria o “Universo”. À mulher é dado o poder de criar e isso é uma importante conquista para aquelas que outrora foram limitadas a criaturas. Desta forma, de acordo com o que disse Zolin (2003) sobre a fase fêmea: “marcada pela auto descoberta e pela busca da identidade” (SHOWALTER *apud* ZOLIN, p. 256) vem caracterizar esse jeito de escrever, pensar e agir da poeta Yolanda Morazzo.

Assim, percebe-se que a principal diferença entre as duas obras analisadas reside na forma de engajamento das autoras a questões sociais, estando cada qual vinculada e inserida em processos históricos diferentes, Violeta Branca, situada no início do século XX no Brasil e Yolanda Morazzo marcada pelo contexto da descolonização portuguesa já no último quartel do século XX.

### **Considerações finais**

Ler obras de autoras do início do século é um desafio que merece todo cuidado e apreço possíveis porque há a necessidade de fazer a contextualização do período em que elas viveram para perceber seus anseios, frustrações e lutas. Somente assim ter-se-á uma leitura inicial condizente com o que cada uma representou para sua época e como valorizá-las com o olhar atual. Portanto, a liberdade feminina, na década de 1935 na sociedade manauara ou na sociedade cabo-verdiana em 1976, é algo difícil de imaginar porque aquelas mulheres viviam uma liberdade possível naquele período, uma liberdade limitada, com muitas paralisações advindas de ideologias sexistas que moldavam o que

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

deviam fazer e como fazer. No contexto vivido por Violeta Branca e Yolanda Morazzo, as mulheres estavam orientadas a silenciar e ouvir apenas a voz do homem da casa e elas permaneceriam ali, como as rainhas do lar.

Mesmo imersas nessa situação social, tanto Yolanda Morazzo quanto Violeta Branca apresentaram avanços significativos para as décadas de 1935 (Manaus – Brasil) e 1976 (Cabo-Verde - África), trazendo poemas com temáticas fortes e desafiadoras como, por exemplo, o “Poema das tuas mãos” (Violeta Branca) que traz a imagem do eu lírico feminino tocado e conduzido para o ato sexual por mãos masculinas. Ela ousou confessar os desejos da feminilidade quando somente o homem poderia sentir prazer. E a poeta Yolanda Morazzo com o poema “Archote”, por exemplo, que desafia o sistema opressor, em plena guerra civil, com versos sobre um massacre de mais de vinte jovens. No mínimo um ato de coragem vindo de uma mulher oriunda de outro país. Dois tipos de ousadias que se complementam pelos anseios de mulheres que objetivavam a liberdade em todos os sentidos.

Ao analisar as duas autoras descobriu-se que ambas têm algumas afinidades de escrita (sensualidade, palavras típicas de suas regiões de origem, desejo de liberdade para mulher escritora), temas (eróticos, telúricos), situações pessoais recorrentes de forma muito semelhantes (publicações, casamento, morar em outra cidade que não seja a sua de origem e manter relação com a cultura/escrita de seus conterrâneos) demonstrando que naquela época não importava o lugar, a mulher era vista da mesma forma por uma sociedade preconceituosa e machista, mas que estas duas autoras demonstraram que com suas sensibilidades transcendentais conseguiram transpor essa muralha de imposições.

Em relação ao ritmo, metrificção, estilo das poetisas pôde-se constatar que as duas estiveram à frente de seu tempo demonstrando habilidades, inteligência, linguagem diversificada, rica e primorosa, visando também passar para o leitor um pouco de sua cultura local. No ato de criar seus versos fugiram da métrica imposta por escolas anteriores e visaram à liberdade da forma, dando imagens aos seus poemas, demonstrando a leveza e também a firmeza do ritmo simples, alegre, despretensioso e livre.

Em Violeta constatou-se que, apesar de seus passos vanguardistas, existem permanências em sua obra. Isto porque ao explicitar as vontades das mulheres de “seu tempo”, ela quebrou paradigmas de uma sociedade masculina, porém ainda assim há traços de

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

imitação do que os homens escreviam em sua época, ou seja, de um estereótipo feminino da mulher sob o comando do “marujo”, que o espera ou da mulher que depende das mãos do homem para produzir seu canto: “sou piano” (BRANCA, 1998, p. 86). Além disso, a suavidade das imagens parece estar ligada ao paradigma do que se espera da poesia feminina. Tais elementos permitem aproximar a poética de Violeta Branca ao que Elaine Showalter (1985) denominou de “fase feminina” da literatura produzida por mulheres. Nos poemas de Yolanda Morazzo pôde-se perceber que há indícios em sua poesia que permite que a encaixe no que Showalter (1985) nomeou de “fase feminista” e de “fase fêmea”, pois a poeta combatia a falta de humanidade com que as “justiças” eram feitas em meados de 1950, quando seu país africano (Cabo Verde) ainda era colônia de Portugal. E, apesar de não está morando nas ilhas, as defendia em seus escritos como se pode confirmar nos poemas “Dor antiga” (1959), “O dia da colheita” (1958) e muitos outros que versarão sobre a política colonialista, a voz feminina reclusa, enfim, Yolanda Morazzo era ativista que combatia o que designava como “monstruosidade e absurdo”. Yolanda Morazzo está caracterizada na “fase fêmea” porque conseguiu ilustrar que o lugar da mulher é onde ela quiser está. Como exemplo de escrita, tem o poema “Mulher” (1989) em que se observa que (Mulher guia farol / Mulher guia liberdade / eterna geratriz) e acrescenta que a mulher é “liberdade” e “poesia”. Assim, vê-se que Yolanda Morazzo dá outra identidade para mulher que a deixa bem mais próxima da liberdade que tanto almeja.

A poesia é viva e eterna e as poetas mostraram suas vozes poéticas femininas e se fizeram ouvir por todos que tinham acesso aos livros em suas épocas distintas, rompendo com o “silêncio” imposto a todas as mulheres que lhes eram contemporâneas. Contudo, distante de querer esgotar este assunto, é cabível dizer que outros estudos poderão ser feitos a partir dos desdobramentos desta investigação, dando relevo a outras temáticas sobre a obra da poeta brasileira Violeta Branca e da poeta cabo-verdiana Yolanda Morazzo.

## **Referências**

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e Ilhas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANCA, Violeta. **Ritmos de inquieta alegria**. Manaus: Valer, 2004.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

BRASIL, Assis (organização, introdução e notas). **A poesia amazonense no século XX:** (antologia). Rio de Janeiro: Imago. Fundação Biblioteca Nacional: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gesto, formas, figuras, cores, números). 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COUTINHO, Eduardo Faria. **Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo**. v. 10, n. 24, 1996. Disponível em: <<http://www.seer.ufgrs.br/organon/article/viewFile/28684/17367>> Acesso em 03 jan. 2018.

COUTINHO, Eduardo Faria; CARVALHAL, Tânia Franco (Orgs.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. 2. ed. e ampliada. São Paulo: Rocco, 2011.

ENGRÁCIO, Arthur. **Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas:** súmula bibliográfica. Manaus: UA, 1994.

FANINI, Michele Asmar. **A história da primeira mulher barrada pela Academia Brasileira de Letras** – folha de São Paulo. (publicado no dia 9 de setembro de 2017). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1916546-mulher-fundou-a-academia-brasileira-de-letas-mas-nao-fez-parte-dela.shtml>. Acesso em 18 jun. 2018.

FERREIRA, Manuel. **Literatura Africana de Expressão Portuguesa**. v. 1. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/estudos-literarios-critica-literaria/72-72/file.html>> Acesso em 15 out. 2017.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 14. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: Literatura em chão de cultura**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GOMES, Simone Caputo. Perfis, gestos, olhares de mulher: o texto literário de voz feminina em Cabo Verde. In: AMÂNCIO, I. M. da C. (org). **África-Brasil-África:** matrizes, heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, p. 166-181.

KRÜGER, Marcos Frederico. Apresentação: Violeta, ainda que tarde. In BRANCA, Violeta. **Ritmos de Inquieta Alegria**. Tenório Telles (Organização e estudo crítico). 2. ed. rev. e aum. Manaus: Valer, 1988. Série: Coleção Resgate, vol. 1. p. 9-11.

MENDONÇA, Roberto. **Violeta Branca**: a poetisa do Amazonas. (publicado em dezembro de 2010). Disponível em: <http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2010/12/violeta-branca-poetisa-do-amazonas.html>>. Acesso em 10 abr. 2018.

MORAZZO, Yolanda. **No fundo eu busco o inefável**. Arletra. Lisboa, s/n, p. 11-15, nov. / dez. 2006.

MORAZZO, Yolanda. **Poesia completa**: 1954 – 2004. Lisboa: INCM. 2006.

MURARO, Rose Marie. Prefácio. In: SEABRA, Zelita; MUSZKAT, Malvina. **Identidade Feminina**. Rose Marie Muraro (prefacio). Petrópolis: Vozes, 1985. p. 7-10.

SANTOS, Elsa Rodrigues dos. Prefácio. In: MORAZZO, Yolanda. **Poesia completa**: 1954 – 2004. Lisboa: INCM. 2006.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**: British women novelists from Brontë to Lessing. New Jersey: Princeton UP, 1985.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 401-442.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 161–182.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 253–261.

**Recebido: 20/11/2019**

**Aceito: 25/5/2020**

#### **Sobre autores e contato:**

**Leoniza Saraiva Santana** - Graduanda em Letras da Universidade Federal do Amazonas campus Vale do Rio Madeira, IEAA. E-mail: leoniza.saraiva21@gmail.com

**Bárbara Benedita Mendes Brito** - Graduanda em Letras da Universidade Federal do Amazonas campus Vale do Rio Madeira, IEAA. E-mail: barbarabeneditta@gmail.com

**Raquel Aparecida Dal Cortivo** - Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo-USP, Docente da Universidade Federal do Amazonas campus Vale do Rio Madeira, IEAA. E-mail: raquedalcortivo@gmail.com